

PESSOA HUMANA

Rener Olegário Lopes*

RESUMO: devemos nos remontar a denominação homem, esta que, devido a toda uma “evolução”, pretende dar novos olhares, diretrizes, conceitos, virtudes a pessoa humana. Porém, perguntamos ao decorrer de nossos dias se realmente evoluímos ou estamos pretendendo ainda mais, maquiarmos a grande desonra e desumanidade de nossa espécie. A pessoa humana está perdendo sua humanidade; isso realmente nós constatamos. Desde Homero, Platão até Max Scheler G.K Chesterton, Karl Marx, Karol Wojtyla, Nietzsche e sua companhia existencialista, a pessoa humana é a mesma em sua constituição, corpo e alma, contudo sua definição e direção foram totalmente desviadas do crivo da essência e de sua própria existência. Perguntar se existimos é plausível de repostas, entretanto é difícil responder: para que existimos? Qual nossa utilidade? Realmente sentimos nossa plenitude do ser? Onde, como e quando começamos existir? Vamos conhecer e dialogar sobre nossa existência baseando em autores que questionaram a vida e a morte, sabendo que as perguntas poderiam não ser respondidas como um grande filósofo e pessoa Karol Wotilla (João Paulo II), em sua encíclica Fides et Ratio, instiga-nos a passar dos fenômenos para o fundamento, reconhecer que somos e estamos neste mundo para conhecer e aprender com uma realidade que prepara nossa humanidade a elevação do bem da pessoa humana.

PALAVRAS CHAVES: Pessoa humana. Personalismo. Materialismo. Morte. Vida.

ABSTRACT: We must go back in the name man, this one, due to the whole "evolution", aims to give new insights, guidelines, concepts, virtues of the human person. However, ask the course of our day really evolved or are intending to further maquiarmos the great dishonor and inhumanity of our species. The human person is losing his humanity, we find it really. From Homer, Plato to Max Scheler GK Chesterton, Karl Marx, Karol Wojtyla, existentialist Nietzsche and his company, the human person is the same in its constitution, body and soul, yet its definition and direction were completely diverted Riddle of the essence and its own existence. Ask whether it is plausible for answers exist, however it is difficult to answer: for exist? What our usefulness? Really feel the fullness of our being? Where, how and when we start there? Let's meet and talk about our lives based on authors who questioned life and death, knowing that the questions could not be answered as a great philosopher and person Wotilla Karol (John Paul II) in his encyclical Fides et Ratio, instigates us passing phenomena to the ground, and we recognize that we are in this world to meet and learn from a reality that prepares our humanity and the elevation of the human person.

KEYWORDS: Human Person. Personalism. Materialism. Death. Life.

* Graduado em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FaSeM); rener.pneu@gmail.com.

1. DEFINIÇÕES E DIFERENCIAÇÕES DE PESSOA, PERSONALIDADE E INDIVÍDUO

Diante inúmeros questionamentos sobre este tema, será melhor explicar cada termo com sua devida significação e dedicação de filósofos e pensadores que determinaram tais conceitos que são recordados; conforme Lima Vaz:

Personalidade como conceito pertencente a esfera de uma compreensão explicativa da pessoa, na medida em que esta, como indivíduo, manifesta-se no terreno da vida de cada dia, onde pode ter lugar a observação dos seus atos e comportamentos. Pessoa se refere a interioridade espiritual já o indivíduo a exterioridade corporal. Mas, distinção não é separação (LIMA VAZ, 1992, p. 214).

Uma diferenciação que não se percebe visivelmente, mas em seu caráter indelével do ser, a pessoa humana determina sua existência em sua totalidade diante esta distinção de externo e interno, espiritual e corpóreo, alma e corpo, sentir e pensar havendo sempre a relação entre elas, com o outro e o mundo.

2. ONDE SE ENCONTRA A PESSOA HUMANA NA ANTIGUIDADE

No limite do conhecimento, começaram a pensar sobre o corpo e alma, distingui-lo, sentir, procurar, descobrir seu funcionamento e assim o estudar, com características físicas e espirituais. Este começo se deu, baseando em escritos, de Homero em suas obras *Ilíada* e *Odisseia* retratando o começo de um interesse por este “organismo sensível”. A distinção que ele faz é devido à separação de alma e corpo, constatando que existe uma ligação entre ambas, sendo o homem totalmente formado por este enlace entre alma (*psyche*) e corpo.

Porém a forma que Homero expressa toda a realidade do homem é de forma muito metafórica.

A verdade é que a “pessoa”, no sentido mais próximo ao que nós entendemos nos poemas homéricos é indicada com o nome próprio do indivíduo, do herói ou também do deus. Trata-se, portanto de uma “unidade” empírica e não conceptual. (...) As personagens (as “pessoas”) apresentadas na *Ilíada* e na *Odisseia* coincidem de maneira emblemática justamente com as próprias ações, e a épica é narração de ações por excelência (REALE, 2002, p. 89).

Tales de Mileto com uma tendência mais pampsiquismo (espírito em tudo) determina que a identificação deste *psyche* (alma) com a *psysis* (física) está sempre

em movimento e movendo a si mesmo, seria uma espécie de imortalidade, que existe em todas as coisas que para Tales seria a água, para Anaxímenes o ar, que governava e sustentava toda a existência e princípio do ser.

Platão muito estima a alma e condena o corpo; ele determina um dualismo entre ambas dividindo em duas dimensões; concepção do corpo e uma antítese ontológica com a alma.

Alguns chamam o corpo túmulo da alma, como se ela aí se encontrasse sepultada na vida presente; (...) os seguidores de Orfeu, dado que para eles a alma paga a pena das culpas que deve expiar, e tem esse invólucro, imagem de uma prisão, para que se salve. Este, portanto, como sugere o próprio nome, é “custodia” da alma, enquanto ela não tiver pago o seu débito” (REALE, 2002, p. 178).

Vários interpretadores e pensadores de Platão entediam que o corpo era como fontes de males e de sofrimentos, pois viam que o corpo só trazia desejos, paixões, medos que demonstrava a fraqueza do homem. A alma deve libertar-se do corpo; consistindo na morte a forma de libertação de modo total deste cárcere. Havia uma visão de pessoa dirigida muito bem a um objetivo, justificação e bem de sua existência enquanto ser no mundo.

3. UM SER NESTE MUNDO

O homem deve se reconhecer que pode formular expressamente o dado original da experiência global mediante a afirmação: “Eu estou no mundo e que pode ser convertida O mundo é para mim” (RABUSKE, 1981, p. 127). Quando percebe o “Eu no mundo” compreende e afirma que existe integralmente ser, mundo e o “eu”. O grande problema é que a criatura humana é um ser complexo, porque é corpóreo e espiritual. A pessoa, ao mesmo tempo, constitui uma unidade que se manifesta de forma completa na ação, através da transcendência. Transcendência não no sentido de Deus, mas no âmbito de totalidade que o ser humano tem de infinitude de uma alma que anima o corpo, não originaria por si só.

A experiência integral do ser humano, entretanto, indica a realidade objetiva da alma e que ela se encontra em relação com o corpo. A integração e a transcendência se originam na alma.

O ser no mundo é a consideração total do outro em sua existência, Piaget disse que “o contanto com as pessoas parece, assim, desempenhar um papel essencial no próprio processo de objetivação e exteriorização” (RABUSKE, 1981, p.

112). Não há como a criança, jovem, idoso existir sozinho ou acompanhado de robôs, mas necessita também do “ser do outro no seu ser” habitado neste mundo. A pessoa humana não vive só. Ela vive e age juntamente com os outros homens.

4. A PROCURA DO HOMEM QUE SE PERDEU NA MODERNIDADE

Não se pode esquecer de modo algum a interferência e solidificação do termo -pessoa humana- devido à filosofia e teologia cristã, pois diante alguns termos desta época (Idade Medieval) o conceito “pessoa” ressoa com mais propriedade. Com certas respostas trinitárias e cristológicas São Boécio determina pessoa como ‘*rationalis naturae individua substantia*’ (substância individual de natureza racional) e São Tomás de Aquino classifica o termo “pessoa” como ‘*subsistens individuum rationalis naturae*’ (subsistente individual de natureza racional). O termo substância: subsiste por si mesma, não muda; individual de natureza: porque ele é individual, um entre muitos e sua natureza é essencialmente racional, intelectual, o que diferencia das outras é este individual racional. Nesta esfera que a pessoa humana é “matéria e forma” Karol Wojtyla um grande filósofo, cristão e papa contemporâneo disse que:

A pessoa humana experimenta-se como uma criatura limitada, mas transcende para uma vida superior. Nessa abertura intencional do ser pessoa, ela tem a possibilidade de encontrar-se no mais recôndito da sua interioridade (Karol Wojtyla, 1997, p. 54).

Mas notoriamente na história da evolução do homem o termo pessoa esteve em um período em baixa e ainda procura o seu verdadeiro sentido e fim. Para contextualizar toda uma história existencialista, idealista, niilista e fenomenologia pode-se citar alguns autores que mexeram na estrutura conceitual do ser. Usando o mesmo conceito de interioridade, o idealista Hegel (como Kant) definiu o conceito de pessoa determinado essencialmente pelo conceito de liberdade, não na sua incidência psicológica ou moral, mas como conceito do ser em si e do ser-para-si. Ora, a liberdade nessa sua significação absoluta, é a realização efetiva do conceito.

Hume que se vê na Filosofia Moderna dizia de forma simples que existia uma consciência que seria a alma e o pensar que seria a parte material do corpo que existiria em uma relação.

A pessoa humana meu parecer à palavra ‘pessoa designa um ser pensante, inteligente, que possui razão e reflexão e pode apreender a si mesmo, certa consciência que é inseparável do pensar (ESCALONA *apud* HUME, 1983, p. 199).

Na visão do filósofo Nietzsche (1844-1900) criador do famoso termo “super-homem” designa um ser superior que seria o modelo ideal para elevar a humanidade. Para ele, a meta do esforço humano não deveria ser a elevação de todos, mas o desenvolvimento de indivíduos mais dotados e mais fortes.

A meta, segundo Nietzsche, seria o super-homem e não a humanidade, que para ele era mera abstração, não existindo em realidade, sendo apenas um imenso formigueiro de indivíduos. A finalidade das experiências era o aperfeiçoamento do indivíduo e não a felicidade da coletividade.

Segundo Nietzsche seu “super-homem” seria um indivíduo superior e para melhor condição humana, deveria ser subordinada as mais intensas responsabilidades e cobranças por melhorias constantes, sem esmorecimentos ou condescendências, onde o corpo e a alma aprenderiam a obedecer e a vontade a subordinar-se a disciplina.

Para Husserl (1859-1938), com efeito, é a intencionalidade de consciência que permite definir a relação da pessoa com o seu mundo o que equivale, em virtude da essencial correlação que une os termos na relação de intencionalidade.

A pessoa é, portanto, a expressão adequada, a forma (*formarum*) com a qual o sujeito ou o Eu se exprime ou se diz a si mesmo. A pessoa na sua expressão, ou seja, na ordem da inteligibilidade para nós, surgindo na sua radical originalidade, em toda afirmação e em toda invocação do sujeito, vem a ser, na radical singularidade de cada um com que o Eu e o Tu se encontram.

Já para Karl Marx (1818-1883) a pessoa humana é pura produção e consequência de seu trabalho, determina o homem em sua atividade operária.

Karl Marx dá a volta por este idealismo, substitui o Espírito pela Matéria, e especifica a essência do homem como praxe. Se a Matéria for o princípio absoluto, a essência do homem é a transformação da matéria por meio do trabalho. O homem é aquilo que faz, ou melhor dizendo, aquilo que com o trabalho se faz. A essência do homem é sua capacidade real de transformar o mundo (Ramon,2000, p. 166).

O mundo realmente estava à procura de soluções somente existências, esquecendo completamente a totalidade do ser, a sua essência. Mas devemos lembrar que onde habita cobras também pode se habitar grandes águias da verdade.

5. CAMINHAR COM A PESSOA À EVOLUÇÃO

Na história, por felicidade, adentra a grandiosa corrente filosófica que busca revitalizar o conceito de pessoa humana em todas as suas distinções e descobertas existências e essências à sua formação e fim.

O Personalismo foi um movimento associado ao Humanismo, idealizado por Emmanuel Mounier, quer tinha como intenção de identificar a verdade em toda a circunstância, acreditando que o problema das estruturas sociais era econômico e moral. A saída para isso era na teorização e na construção de uma “comunidade de pessoas”.

A ideia central do pensamento personalista é a ideia de pessoa na sua inobjetibilidade (o homem não consiste num simples conjunto de matéria), inviolabilidade, liberdade, criatividade e responsabilidade, de pessoa com alma encarnada em um corpo, situada na história e constitutivamente comunitária.

Consta-se que a insubstituível dignidade da pessoa, que exclui tornar-se meio para outra coisa, tem um fundamento, que é a substancialidade espiritual aberta ao infinito. Um grande divulgador e defensor desta filosofia personalista inspirando-se em Max Scheler foi Karol Wojtyla que cristianizou a teoria personalista dentro das doutrinas da Igreja Católica e dedicou totalmente na conscientização da pessoa humana.

O agir serve a unidade da pessoa e é nele que o homem se realiza. A unidade da pessoa, na ação, manifesta-se e torna possível por causa da natureza espiritual do ser humano. Essa é a fonte de todos os sinais que determinam a transcendência da pessoa. A unidade do homem, portanto, é constituída pelo seu espírito. O elemento espiritual é o componente específico da criatura humana (Paulo Cesar apud Karol Wojtyla, 2005, p. 51)

Karol Wojtyla (2005) ainda reafirma que o ser humano “não sendo uma coisa, mas um ser genuinamente pessoal que alcança a sua formulação plena na pessoa, concebida a partir de suas origens, isto é, do ser”.

6. SUA MECANIZAÇÃO

Como já foi citado existe uma filosofia existencialista, hedonista, relativista, utilitarista e principalmente uma visão materialista do homem enquanto sua formação e determinação de ser influenciando de forma direta na estrutura da sociedade. Um dos grandes mentores desta filosofia foi Karl Marx (1818-1883) em seu livro Capital,

intitulou o “homem a ser o seu trabalho” onde pouco a pouco a transcendência e totalidade do ser humano acabam se perdendo na existência que é plenamente passageira. Em seu livro “O espírito encarnado” Ramon Lucas cita o filósofo Albert Camus que escreve em sua obra “La peste” a resultado do ser humano: “O homem, unicamente o homem e sua felicidade imediata, são suas metas”.

A experiência integral do ser humano, entretanto, indica a realidade objetiva da alma e que ela se encontra em relação com o corpo. A integração e a transcendência se originam na alma.

A estática de opinião e o voto passam a decidir o direito fundamental da vida em geral, e particularmente, da pessoa humana. A legalização dos contravalores o progressivo enfraquecimento da consciência e da ação estão levando a ruína os fundamentos da própria sociedade, pois o homem contemporâneo se encontra fascinado pelo próprio sucesso tecnocientífico pela sempre presente inclinação ao uso irrestrito da liberdade. O homem percebe ameaçado por situações que geram o ódio, a violência, as guerras, os genocídios, a miséria, as injustiças de toda natureza, a escravidão e o tráfico de drogas, de armas e exploração e instrumentalização da pessoa mediante a sexualidade e o consumismo, o desrespeito da vida humana pelo aborto e pela eutanásia, o desequilíbrio ecológico (Paulo Cesar apud Karol Woytjla, 2005, p. 36).

O indivíduo predomina quando se tem interesses egoístas seus caprichos e estes predominam sobre a pessoa e outro ser humano que é observado como um rival que, no máximo, será tolerado na vida social e que cambaleia sobre o relativismo. Karol Woytjla vem contestar toda esta ideologia reducionista com grandes argumentos filosóficos e cristãos dizendo que tudo, inclusive a convivência e a vida humana, reduz-se ao convencional ao negociável levando a mediocridade do ser.

7. MAS ONDE COMEÇA O COMEÇO?

Diante este diálogo sobre a pessoa humana pode-se, por argumentos filosóficos e lógicos afirmar sobre começo da vida, pois há uma grande importância de definir o que é pessoa humana para que possa determinar o que é a vida. Existem inúmeras interpretações e pesquisas para determinar o começo. Mas onde começa o começo?

Tem diversos argumentos que estão a favor da legalização do aborto como a ala feminista que defende "o corpo é da mulher, a mulher é que sabe o que há-de fazer com ele" (MADEIRA, 2004), vemos que o corpo é uma forma de posse, instrumento de uma mentalidade orgulhosa e destruidora da vida. E se fosse mesmo

levado a sério, então isso teria a implicação de que a prostituição deveria ser legalizada. A legalização do aborto é contida também por argumentos sociais, pois “enquanto o aborto continuar a ser ilegal, as mulheres pobres fá-lo-ão na mesma, sempre em condições precárias” (MADEIRA, 2004); isto é a ridicularização do ser enquanto vida, pessoa.

Contudo é a mesma ciência que diz provar e apoiar a legalização do aborto, é aquela que é contra o aborto; as ciências experimentais demonstraram, nos últimos anos, que a existência de um ser humano começa no momento da fecundação, quando o zigoto forma sua própria identidade genética, a partir da herança recebida dos seus pais, e seu material genético está em condições de começar seu desenvolvimento.

Sadler PhD em embriologia em seu clássico manual de Langman sobre embriologia, utilizado nas faculdades de medicina para a aprendizagem do desenvolvimento humano inicial, explica, de maneira bem simples, o processo da fecundação: “Uma vez que o ingressa no gameta feminino, os núcleos masculino e feminino entram em contato íntimo e replicam o seu DNA” (SADLER, 2007). Esta união gera uma nova célula, chamada zigoto, todos os códigos de vida estão inscritos nesta primeira célula chamada zigoto.

A pessoa humana determina o começo, tem o direito de estimular o começo da vida humana, o “homem muitas das vezes não sabe quando está com fome” (MADEIRA, 2004) entram em depressão por ter quebrado a unha, este homem, sabe quando começa a vida de um ser, uma pessoa humana?

Dr. Eloadir Galvão, médico cirurgião, disse que “Todas as pessoas que estão a favor do aborto, por coincidência, já nasceram” (citação verbal em 2013- 6ª Marcha Nacional pela Vida organizada pelo movimento Brasil sem aborto na capital do Brasil, Brasília). Possamos sentir e existir para toda uma vida e não interrompe - lá.

Considerações Finais

Podemos concluir que diante toda uma complexidade de termos e discussões sobre a pessoa humana, uma frase de uma grande pessoa poderia nos esclarecer ainda mais nossa existência neste mundo “Este nosso mundo tem algum propósito; e se há um propósito, há uma pessoa. Eu sempre sentira a vida primeiro como uma história; e se há uma história há um contador da história”. (CHESTERTON, 2001, p.93). Chesterton sentiu e viu sua vida desde seu nascimento até sua morte

defendendo e a definindo a pessoa em suas deficiências e seus alcances surpreendentes.

Com certo reducionismo e paganismo ao termo “pessoa humana” tem como consequência a utilidade e individualidade e as implicações diante estas ideologias nos leva a perder esperança do ser e estar neste mundo e também em favor do outro. Mas termino com outra frase de Chesterton que determina a pessoa como um ser que transcende e participa na vida com o papel fundamental e essencial “amar”. “A questão não é que este mundo é triste demais para ser amado ou alegre demais para não o ser; a questão é que, quando se ama alguma coisa, a sua alegria é a razão para amá-la, e a sua tristeza é a razão para amá-la ainda mais.” (CHESTERTON, 2001, p. 125).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. São Paulo: LTr, 2001.

ESCALONA, Sara Lopez. **Antropologia e Educação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

João Paulo II. **Redemptor Hominis: carta encíclica**. In: COSTA, Lourenço (org.). *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Documentos da Igreja).

João Paulo II. **Veritatis Splendor: carta encíclica sobre algumas questões fundamentais do ensino moral da Igreja**. In: COSTA, Lourenço (org.). *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997. (Col. Documentos da Igreja).

LUCAS, Ramon Lucas. **O espírito encarnado**. São Paulo.2000

MONDIN, Battista. **O homem quem é ele?: Elementos de antropologia filosófica**. 5º edição São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos, introdução a antropologia filosófica**. 10º edição. Petrópolis, Vozes, 1985.

R.VANCOURT. **A estrutura da filosofia, e suas origens**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1964.

RABUSKE, Edvino. **Antropologia Filosófica**. Porto Alegre. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão**. São Paulo: Paulus, 2002.

SILVA, Paulo Cesar da. **A antropologia personalista de Karol Wojtyła: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

VAZ, Henrique Claudio de Lima. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.